

As fendas do *homo digitale* nas bordas do discurso humorístico

Francisco Vieira da Silva (PROLING/UFPB)
Doutorando do PPG Linguística da UFPB
franciscovieirariacho@hotmail.com

Éderson Luís da Silveira (NELP/FURG)
Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa
Universidade Federal do Rio Grande
ediliteratus@gmail.com

RESUMO: Tomar o discurso humorístico enquanto materialidade de análise implica em perceber que as palavras são sempre discursos na sua relação com os sentidos. (ORLANDI, 2007). Desse modo, a *techné* digital incide sensivelmente sobre os sujeitos que a utilizam, de maneira a engendrar o espectro do *homo digitale* (XAVIER, 2013) e as suas respectivas idiosincrasias. Objetivamos refletir sobre os efeitos da cultura digital no processo de constituição do sujeito contemporâneo a partir do conceito de memória discursiva elaborado por Courtine.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Digital; Discurso humorístico.

ABSTRACT: Considering humoristic speech while materiality of analysis implies understanding that words are always discourses in their relationship with meanings. (ORLANDI, 2007). Thereby, the digital *techné* sensitively impacts the subjects that use it, in order to engender the *homo digitale*'s spectrum (XAVIER, 2013), as well as their idiosyncrasies. We aim at discussing the effects of digital culture in the contemporary subject's constitution process, considering the concept of discursive memory elaborated by Courtine.

KEYWORDS: Subjectivity; Digital; Humorous speech.

Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacós sobre um capacho por sacudir.

Fernando Pessoa

Inicializando

O que as novas tecnologias estão fazendo com os sujeitos no mundo de hoje? Como o homem tem ser tornado o que é? Que papel as tecnologias da comunicação e da informação exercem sobre a (des)construção subjetiva e identitária dos sujeitos hodiernos? Essas e outras indagações perpassam de forma efusiva as discussões atuais acerca da relação do homem com a tecnologia, mais precisamente dos efeitos provenientes desta última sobre o florescer de subjetividades outras, de identidades cambiantes, de sujeitos que se deslindam e se constituem como tais, a partir de uma relação umbilical com a *techné*. Isso se deve ao fato de que toda *techné* “consiste no conhecimento empírico de um objeto ou ação que serve ao homem; portanto, tal saber só se realiza como aplicação prática e não como contemplação.” (VARGAS, 1994, p.18). De acordo com Oliveira (2008, p.1), o desenvolvimento histórico da

tecnologia precisa ser entendido “em sua relação íntima com as determinações sociais, políticas, econômicas, culturais, já que todas estas atividades humanas estão intimamente interligadas com o desenvolvimento daquela”.

De acordo com Vargas (1994), na Grécia antiga, a produção de artefatos e os processos de aquisição de conhecimento eram separados. A cada um cabia seu papel: aos filósofos era dada a tarefa de ensinar a juventude. Aos engenheiros, cabia elaborar projetos de navios ou máquinas para guerrear. Dessa forma, *techné* também se refere à capacidade de produzir objetos por meio da racionalidade sendo muitas vezes traduzida para artesanato ou arte. Porém, de acordo com Borgmann (2006), também está na raiz daquilo que chamamos de tecnologia, apontando inicialmente para a construção de artefatos através da arte criativa dos homens realizada a partir da junção de conhecimento, prática e experimentação, apontando para a transformação do ambiente em que os seres humanos vivem, buscando novas formas de satisfazer seus desejos ou necessidades. Direcionando o horizonte analítico especificamente sobre a tecnologia digital materializada nos computadores, aparelhos de telefonia móvel e outros correlatos em suas versões mais sofisticadas é possível entrever que tal tecnologia tem sido responsável pela reconfiguração dos sujeitos e da relação que estes estabelecem com os outros.

Atualmente, sob o império da internet, pode-se realizar uma série de atividades sem precisar se deslocar fisicamente, e até mesmo as próprias ligações afetivas podem ser criadas e desmanchadas por meio da rede. Tudo isso influi sensivelmente sobre a (des)construção dos sujeitos e instaura uma problemática em torno de novas formas de subjetividade que se coadunam com a sensação de um mal estar contemporâneo (BIRMAN, 2007). Esse quadro tem despertado a atenção de psicanalistas, sociólogos, filósofos e demais pensadores, os quais se preocupam em refletir a respeito das intermitências advindas das chamadas novas tecnologias no processo de constituição das identidades e dos modos de subjetivação dos sujeitos. Pretendemos discutir neste espaço baseando-nos na Análise do Discurso (AD) de orientação francesa as inflexões das novas tecnologias, com ênfase na *internet*, no processo de constituição identitária e subjetiva dos sujeitos usuários dessa ferramenta tecnológica, a partir do discurso humorístico.

Para Orlandi (1993, p. 15) “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras”. Dessa forma, considerar os estudos do discurso humorístico implica em perceber o discurso como efeito de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1999). Podemos dizer que através do humor nos é possibilitado, enquanto analistas, investigar

os modos de demarcação dos sujeitos que são atravessados por discursos outros a todo instante ao mesmo tempo em que o discurso humorístico aponta para as transformações a que estamos submetidos (no caso em específico, quando nossas vivências encontram-se atravessadas pela influência dos dispositivos tecnológicos). Enquanto parte dos sujeitos que as utilizam, as novas tecnologias constituem, muitas vezes, a extensão de nossos membros, “limitados no tempo e no espaço, provocando em nós a sensação de que nos tornamos mais completos, inteiros, mais poderosos [...]” (CORACINI, 2006, p.136). Por isso, as análises aqui propostas estão relacionadas à tessitura de gestos de interpretação acerca do estabelecimento do discurso humorístico nos textos analisados referentes aos efeitos da cultura digital no processo de constituição do sujeito contemporâneo.

No esteio dessa discussão, repousa a necessidade de conceber a *internet* como um ambiente propício ao surgimento de um sujeito que pensa ter o controle sobre tudo. Essa sensação de onipotência se volve tanto sobre o acesso rápido à informação quanto sobre as redes de interação existentes no *ciberespaço*. Por isso, torna-se necessário debater esse fenômeno, concebendo-o como intrínseco ao devir sócio-histórico, antes de tecer juízos de valor, pois como nos alerta Lévy (1996, p.12): “antes de temê-la [a virtualização] condená-la ou lançar às cegas a ela, propomos que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender toda a sua amplitude.” Assim, em face dos turvos discursos que nos impelem a refletir sobre as tecnologias digitais, convém decantá-los, com vistas a apreender os efeitos de sentido que deles emergem.

2.Escaneando a AD, fazendo downloads teóricos

Não nos interessa neste tópico tecer exaustivas considerações de ordem histórica e disciplinar acerca da AD – corrente teórica fundada por Michel Pêcheux na França nos anos 60 – embora seja necessário discutir de forma um tanto sumária a respeito de alguns dispositivos teórico-analíticos que servirão de base interpretativa para o gesto de leitura a ser delineado sobre o discurso humorístico. Desse modo, alguns conceitos daquela vertente teórica, bastante fértil no Brasil, são de grande valia para a consecução do nosso escopo.

Os conceitos aqui tratados foram erigidos na última fase¹ da AD francesa, a denominada terceira fase, que fora abruptamente interrompida pelos trágicos desaparecimentos de Michel Pêcheux e de Michel Foucault no início dos anos de 1980. Em

¹ Sobre as fases da AD, ver, por exemplo, Gregolin (2007) e Possenti (2007).

linhas gerais, as pesquisas em AD, naquele momento, estavam centradas sobre os discursos do cotidiano, as circulações ordinárias, em detrimento dos discursos políticos reinantes no seio dos estudos anteriores. Subjacente a estes discursos, uma concepção de sujeito se desenvolvia, na medida em que este era visto sob um olhar da heterogeneidade e do descentramento. De modo análogo, Pêcheux (1994) passa a entender a língua como sendo constitutivamente atravessada pela falha, pelo deslize e pela ambiguidade, numa clara referência à concepção de língua proveniente dos estudos psicanalíticos. Além disso, o discurso se enxerta na materialidade linguístico-imagética com a histórica, que incorpora a exterioridade como componente constitutivo (FERREIRA, 2007).

Mas, um dos principais conceitos advindos deste período circunscreve a chamada memória discursiva, um conceito introduzido por J.-J. Courtine, com fortes ressonâncias dos autores da história das mentalidades (a exemplo de Nora, Le Goff, entre outros). É por meio da memória discursiva que os dizeres são continuamente atualizados e inscritos na rede da história. Ao falarmos neste conceito, estamos aludindo a um dos “mecanismos que possibilita a constante reconfiguração do arquivo enquanto repositório dos sentidos, alternando um movimento necessário que vai oscilar entre presença e ausência, entre lembrança e esquecimento [...]” (FERREIRA, 2012, p.144). É a partir da memória discursiva e dos sentidos dela provenientes que vislumbramos a existência de uma memória social típica de cada período histórico. No caso dos discursos produzidos em torno das novas tecnologias, redes de memória são mobilizadas com vistas a produzir determinados efeitos de sentido e, de maneira simultânea, vislumbramos os efeitos sobre a (des)construção de identidades dos sujeitos usuários dessas ferramentas.

A fim de contextualizar melhor o conceito de memória discursiva, reportamo-nos a Nora (1993), uma vez que este autor tece relevantes considerações a respeito da relação entre memória e história. Para tanto, ele insiste na ideia de que a memória é um objeto da história, pois a necessidade da memória é uma necessidade prioritariamente histórica. Disso decorre uma vontade de memória responsável por uma obsessão pelo arquivo, pois “produzir arquivos é um imperativo da época” (NORA, 1993, p.16), na tentativa de tornar essa memória tátil, tangível e institucionalizada. Surgem, nessa perspectiva, os *lugares de memória* que se apresentam como: i) lugares materiais, nos quais a memória se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; ii) lugares funcionais, que funcionam como alicerces da memória coletiva; iii) lugares simbólicos, onde a memória coletiva se revela e se expressa.

Para que um lugar de memória se constitua como tal é preciso que ele esteja envolto por uma aura simbólica e atrele-se a um ritual. Em termos de memória histórica, poderíamos citar os museus, os calendários, os cemitérios, os santuários e os aniversários, os quais operam sobre a memória a fim de registrá-la, arquivando-a. Trazendo essa asserção para o campo da AD, concordamos com Fonseca-Silva (2007), quando assinala que toda e qualquer materialidade simbólica de significação funciona como um lugar de memória discursiva. Isso ocorre porque as possibilidades de dizer se atualizam no momento da enunciação, de acordo com Ferreira (2005, p. 19), “como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações.” Ao tecer gestos de investigação sobre as camadas do discurso, percebemos que os processos discursivos “fazem emergir o que, em uma memória coletiva, caracteriza determinado processo histórico.” (FERREIRA, 2005). Para Orlandi (1993), as palavras de uma voz anônima, produzida no interdiscurso, são tomadas pelo sujeito como suas, fazendo com que este se aproprie da memória que se manifestará de formas diferentes em discursos distintos.

Dessa forma, a memória discursiva vincula-se de maneira indissolúvel e não raro se confunde com o conceito de interdiscurso². Esclarecendo essas constantes confusões terminológicas, diríamos que o interdiscurso condensa todos os dizeres já ditos, não-ditos e por dizer, ao passo que a memória discursiva está ligada aos sentidos efetivamente já ditos, fazendo um recorte desse espaço interdiscursivo (FERREIRA, 2012). Assim, a memória discursiva traz em seu bojo a historicidade, o exterior que lhe é intrínseco e emerge por meio da linguagem.

O discurso humorístico, por sua vez, retoma uma memória discursiva responsável pelo pretense efeito de humor nos diversos gêneros dessa natureza que circulam socialmente. De acordo com Possenti (2010), os textos humorísticos, embora, evidentemente, não sejam “referenciais”, guardam algum tipo de relação com os diversos acontecimentos históricos, sociais e culturais, tomando-os como o mote na construção do humor.

3. Megabytes de memória discursiva na constituição do *homo digitale*

O discurso humorístico sobre o qual se direciona nosso olhar analítico materializa-se por meio de algumas tiras do quadrinista carioca André Dahmer e encontram-se disponíveis no meio digital.³ Essas tiras suscitam reflexões acerca da constituição do *homo digitale*, das relações interpessoais na era da internet, com ênfase no espectro das redes sociais; enfim,

² De acordo com o “Glossário de Termos do Discurso”, o interdiscurso engloba “o conjunto das formações discursivas (FD) e se inscreve no nível de constituição do discurso, na medida em que trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível”(FERREIRA,2005, p. 17) Dessa forma, para a autora, ocorrem os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma FD. Sendo assim, ele determina de forma material o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o “já-dito”. Partimos então do pressuposto de que “cada texto nasce de um permanente diálogo com os outros textos” (GREGOLIN, 2001, p. 10) sendo assim impossível encontramos a palavra fundadora, a origem do dizer, com isso, “os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno vôo” (idem). Através desta perspectiva que nos propomos a investigar o interdiscurso enquanto elemento constitutivo dos efeitos de sentidos no discurso humorístico materializado nas charges analisadas.

³ As tirinhas aqui analisadas podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.malvados.com.br/>.
recobrem os efeitos que as novas tecnologias incidem sobre os sujeitos. Desse modo, procuramos selecionar tiras que de alguma forma faziam referência a já-ditos e, com isso, mobilizavam uma memória discursiva que atua na produção dos sentidos a partir dos gestos de interpretação provenientes das tiras. Atentamos, nesse sentido, para a tira a seguir:

(1)



Intituladas de “Quadrinhos dos anos 10”, algumas tiras humorísticas⁴ de Dahmer apresentam uma feição crítica em relação aos comportamentos, atitudes e idiossincrasias da sociedade na segunda década do século XXI. Essa demarcação temporal é importante na produção dos efeitos de sentido que ressoam das tiras, uma vez que os “anos 10” balizam modificações pontuais acerca de nossa existência no mundo, apontando, inclusive, para a existência de um cenário desolador no que concerne à forma como os sujeitos tem se (des)construído, provocado, principalmente, pelas novas tecnologias. Esse discurso aparece na tira supracitada e representa uma regularidade nas demais tiras de Dahmer.

O humor da tira anteriormente explicitada reside na materialização de um dos lugares de memória apontados por Nora (1993) – o aniversário. Cabe aqui assinalar o efeito de humor da tira que reside no fato de haver a presença de uma subversão de expectativas acerca do que o imaginário coletivo consagrou enquanto memória de festas de aniversário. A

subversão de expectativas está no corte que o personagem realiza entre o tempo vivido e o tempo de uso da internet, como se o segundo não coincidisse com “tempo de vida” propriamente dito. Com efeito, é a partir dessa data comemorativa que o efeito de humor se

⁴ Utilizamos o termo *tira(s)* com base em Mendonça (2005), para quem as tiras constituem um subtipo da história em quadrinhos de caráter mais sintético, podendo ser sequências (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). As tiras de Dahmer se inserem nessa última categoria, uma vez que não constituem partes de narrativas maiores, mas sim episódios esparsos, nos quais o humor se ampara no desenvolvimento de uma dada temática numa situação específica.

estabelece, uma vez que observamos um bolo com velas típicas das festas em que se comemora a passagem dos anos com o anúncio de duas comemorações distintas que apontam para os efeitos da cultura digital no processo de constituição do sujeito contemporâneo.

No caso da tira, um homem com aparência decrépita, sentado numa cadeira de rodas, acende as velas em comemoração aos vinte anos de utilização, por parte do sujeito da tira, da internet e, no último quadrinho, complementa que essa comemoração também se deve ao fato de ele estar completando trinta anos de vida, o que causa surpresa, uma vez que sua aparência física não condiz com a idade revelada. A tira se utiliza de um lugar de uma memória social, que também mobiliza uma memória discursiva inerente às festas de aniversário, para referendar uma crítica ao *homo digitale*, qual seja: a de que a utilização exagerada das tecnologias digitais acarreta efeitos danosos à saúde, tanto no que ao aspecto físico (a má postura, o sedentarismo, o envelhecimento precoce), como na integração social (a solidão advinda da nulidade do contato físico).

Cabe ressaltar que a tira, ao trazer à tona a memória discursiva das comemorações natalícias, produz um efeito de ruptura, ainda que parcialmente, em relação a essa memória, uma vez que os sentidos decorrentes do aniversário da tira não estão em consonância com o que comumente ocorre nas festas de aniversário. Nestas ocasiões, as pessoas se reúnem com um objetivo de festejar uma data e encontram-se envoltas por uma atmosfera de júbilo e descontração. Contudo, não é isso que constatamos na tira em foco, haja vista o fato de o aniversariante encontrar-se solitário e não aparentar felicidade, contrastando, assim, com o que historicamente se espera de um momento como esse.

Courtine & Haroche (1988) afirmam que a linguagem é o tecido da memória. Dessa forma, há memória na linguagem e que se materializa através da linguagem, sendo que os processos discursivos, para os autores mencionados, são responsáveis por fazer emergir o que é característico de um processo historicamente, em uma memória social. A análise da tira aponta, portanto, para a memória discursiva, enquanto algo que faz parte de um processo

histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos (MARIANI, 1996) posto que apresenta contradições, deslocamentos e rupturas. Perpassando essa memória, conforme enfatizamos, subsiste uma acentuada relativização das benesses das novas tecnologias sobre os sujeitos.

Na tira abaixo, presenciamos a discursivização de outra memória discursiva. Vejamos:

(2)



A tira acima mobiliza uma memória discursiva relativa aos contos de fada, ao cortejar do cavaleiro ante a dama, o que pode ser constatado pelas indumentárias e pela posição em que o jovem e a moça se encontram. No objetivo de conquistar a dama, o rapaz faz um *marketing* de si mesmo e elenca suas qualidades (o equilíbrio, senso de humor, generosidade, honestidade, entre outras), porém, ressalva essas qualidades ao confessar que elas só possuem validade, quando ele está participando de uma rede social de grande popularidade atualmente (o *Facebook*). A construção do humor nesta tira se dá pela frustração de expectativas no último quadrinho, uma vez que o momento do flerte ao qual a tira alude não permite a relativização das qualidades, mas justamente o oposto, ou seja, o realce de tais qualidades. Ao afirmar que apresenta outra personalidade⁵ quando está na internet, o pretendente potencialmente diminui as chances de conquistar a moça.

Em suma, a tira descortina a ficção de si mesmo que o *homo digitale* empreende a partir do momento em que cria um simulacro para si na rede. A promessa do anonimato na *internet* favorece o aparecimento de uma série de pseudopersonalidades, tendo em vista que os sujeitos podem forjar uma imagem daquilo que eles gostariam de ser, no intuito de angariar seguidores, conseguir “amigos”, bem como contatar um par amoroso. Dessa forma, um mundo de aparências emerge das relações travadas no *ciberespaço* e isso reflete de maneira substantiva no mundo real, de acordo com o que podemos observar a partir da tira.

Em seguida, analisemos a tira a seguir para compormos uma descrição/interpretação do discurso humorístico sobre a era digital.

(3)

⁵ Ou até mesmo outra identidade, se levarmos em conta a fluidez desse conceito na contemporaneidade, conforme Bauman (2005), para quem a internet constitui um mecanismo deflagrador no processo de (re)criação de novas identidades.



Na tira supracitada o poço dos desejos constitui um mecanismo que propulsiona o humor, pelo fato de atender ao desejo do personagem. O poço do desejo, juntamente com o gênio da lâmpada e correlatos, constitui dispositivos a partir dos quais podemos realizar as vontades mais latentes, que, por uma série de razões, não se concretizam, daí a necessidade de recorrer a essas entidades mágicas. Endossando essa ideia, o personagem da tira solicita ao poço a possibilidade de criticar o mundo, sem ter que se mobilizar para modificá-lo. No último quadrinho, ele tem o seu desejo atendido, e do poço jorra o emblema do *Facebook*. A tira reitera o fato de que nas redes sociais muito se critica, mas pouco se intervém na realidade, a fim de transformá-la. Os usuários destas ferramentas digitais se engajam virtualmente em inúmeras causas, mas na prática não atuam de forma decisiva no intento de cumprir com os ideais em que acreditam. Assim, diversos posicionamentos sociais convergem para a crítica suscitada pela tira, na medida em que alardeiam que os debates acalorados surgidos na rede digital não refletem na sociedade.

4.Fechando em apenas um clique?

Com vistas a refletir sobre os efeitos das tecnologias digitais sobre o sujeito contemporâneo, empreendemos uma análise sobre o discurso humorístico, metonimicamente

representado pelas tiras de André Dahmer, tomando a AD francesa como aporte teórico. Neste ínterim, encontramos respaldo no conceito de memória discursiva, um conceito amplamente volátil que permite novos olhares a cada movimento do pesquisador e do lugar em que o gesto de leitura é produzido (FERREIRA, 2012).

Dessa forma, foi possível entrever que as tiras de Dahmer lançam mão de redes de memória que inscrevem os discursos na teia da história, relacionando-o com um já-dito. Nas tiras analisadas essa memória discursiva coaduna com os efeitos de sentido inextricavelmente atrelados à crítica empreendida pelo humor em relação aos efeitos da rede digital sobre o sujeito contemporâneo, denominado aqui de *homo digitale*.

Emerge das tiras uma crítica assaz às consequências danosas provindas de uma exposição excessiva à *internet*, tanto no que se refere aos problemas relativos à saúde física, como aqueles que envolvem a vida social e afetiva dos sujeitos e a falta de um engajamento efetivo destes na sociedade. A assunção dessa crítica se efetua por meio do discurso humorístico, um campo maleável, de acordo com Possenti (2010), que congrega em torno de si outros discursos, outras vozes, de modo a consubstanciar a heterogeneidade discursiva.

A breve discussão promovida neste texto se insere num debate bem mais amplo que se volta para o exame das configurações do sujeito contemporâneo na interface com as novas tecnologias, embora a nossa condição de analista de discurso nos possibilite fornecer menos conclusões que propor mais indagações e brechas perpassadas pela instabilidade do fenômeno discursivo.

De qualquer forma, trata-se de um desafio premente e necessário, se quisermos olhar com mais profundidade sobre os discursos, práticas, objetos e saberes atualmente envoltos pelo manto da era digital.

Neste sentido, autores como Castells (2007) afirmam que não é a internet que muda os comportamentos, mas são estes que mudam a internet; acreditamos, por outro lado, que a discussão não se pauta na busca de encontrar o agente que mais ou menos potencializa as mudanças, mas antes constatarmos o fato inequívoco de que o advento da internet agenciou transformações inimagináveis na vida em escala planetária e que atentar para os discursos produzidos sobre o cenário sócio-histórico atual pode ser de utilidade para lançar pistas e desvendar um pouco daquilo que somos e o que estamos nos tornando.

5.Referências

BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Huicitec, 1986.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORGMANN, Albert. Technology as a Cultural Force: For Alena and Griffin. In: *The Canadian Journal of Sociology* 31 (3), 2006, pp. 351–360.

BIRMAN, J. *Mal estar na modernidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

CORACINI, M.J. (org.) *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

COURTINE, J.J. & HAROCHE, C. O homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. et. al. *Sujeito e texto*. (Série Cadernos PUC). São Paulo: EDUSC, 1988, p. 37-60.

FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. *Percursos da análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, M. C. L. (Coord.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2005.

_____. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L. M. S.; CORREA, F. S. *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

FONSECA-SILVA, M. C. Mídia e lugares de memória. In: _____.; POSSENTI, S. (Orgs.). *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

GREGOLIN, M. R.V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, M. R. V.; CRUVINEL, M.F.; KHALIL, M. G. (orgs.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara, SP: Laboratório Editorial/Acadêmica, 2001, pp.9-36.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LÉVY, P. *O que o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

MARIANI, B. *O comunismo imaginário, práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. (Tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 1996.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 503-540.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A.; (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares, *Proj. História*, São Paulo, dez. 1993.

OLIVEIRA, E. A. A técnica, a techné e a tecnologia. In: *Itinerários reflectionis*. Jataí, UFG, Vol. 2. n. 5. jul/dez 2008, pp. 1-13.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. *et al.* (Orgs.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

VARGAS, M. *Para uma filosofia da tecnologia*. São Paulo: Alfa - Omega, 1994.

XAVIER, A. C. S. *Retórica digital: a língua e outras linguagens mediadas pelo computador*. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

Enviado para publicação em setembro de 2013

Publicado em abril de 2014